

Tempo Comum - 20º Domingo

Serra do Pilar, 16 agosto 2015

Irmãos:

Há, de facto, uma distância grande entre a força da Liturgia destes domingos do ano e a distensão dos dias de Verão que vivemos. A Liturgia romana foi sendo criada ao tempo em que esta época era intensa, de grandes e difíceis trabalhos rurais.

Hoje como já nos três domingos anteriores, estes domingos de férias são preenchidos com o discurso do pão da Vida; e serão seguidos praticamente com as parábolas da Vinha.

O Pão da Vida e as parábolas da Vinha! Não deixam de ter importância pelo facto de, na vida moderna, se viver um tempo de férias.

Kyrie, eleison!

Christe, eleison!

Kyrie, eleison!

Deus misericordioso tenha compaixão de nós,
perdoe os nossos pecados
e nos conduza à vida eterna!

Oremos (...)

Senhor, nosso Deus e Pai nosso,
que o teu Povo não procure falsas soluções
para os seus verdadeiros problemas,
mas aceite ser, com todas as consequências,
o Povo que se tornou Povo de Deus!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que nos habita!
Ámen!

Leitura do Livro dos Provérbios (9,1/6)

A Sabedoria construiu a sua casa e levantou-lhe as sete colunas. Matou os animais para o banquete, preparou o vinho e pôs a mesa. Enviou as suas criadas a proclamar nos pontos altos da cidade: *Quem é inexperiente venha por aqui.* E a quem tem falta de senso ela diz: *Vinde comer do meu pão e beber do vinho que preparei. Deixai a insensatez e vivereis, e segui o caminho da razão.*

Salmo responsorial (do Salmo 33 (34))

Bendirei o Senhor em todo o tempo,
sem cessar o louvarei com os meus lábios.
Minha glória é a glória do Senhor,
saibam-no os pobres e se alegrem!

Santos do Senhor, adorai o Senhor;
nada faltará aos que o adoram.
Os ricos definham e morrem à fome,
nas nada faltará aos que procuram o Senhor!

Leitura da Carta do Apóstolo Paulo aos Efésios (5,15/20)

Irmãos: vede como vos comportais. Não sejais insensatos, mas inteligentes. Aproveitai bem o tempo, que são maus os dias que correm. Não façais por isso as coisas de qualquer maneira, mas procurai antes compreender bem qual é a vontade do Senhor. Não vos embriagueis, pois o vinho leva à libertinagem. Enchei-vos mas é do Espírito de Deus, recitando uns com os outros salmos, hinos e cânticos inspirados. Cantai e louvai o Senhor com o vosso coração. Dai graças a Deus, nosso Pai, por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Aleluia!

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue
Permanece em mim e eu nele, diz o Senhor!

Aleluia

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo João (6,51/59)

Jesus continuou: *Eu sou o Pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá para sempre. E o pão que eu dou é o meu próprio corpo oferecido para que tenham vida. Ao ouvirem estas palavras, os judeus puseram-se a discutir entre si: Como é que ele pode dar-nos a comer o seu próprio corpo? E Jesus disse-lhes: Ficai sabendo que se não comerdes o corpo do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue não tereis parte na Vida. Aquele que come o meu corpo e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. O meu corpo é verdadeira comida, e o meu sangue verdadeira bebida. Quem comer o meu corpo e beber o meu sangue vive unido a mim e eu a ele. O Pai que me enviou é o Deus vivo, e eu vivo por meio dele. Este é, pois, o pão que veio do céu. Não é como aquele que os vossos pais comeram; eles morreram. Mas quem comer deste pão viverá para sempre.*

Aleluia

Homilia

Lembro-me perfeitamente, não irá há muitos anos. A senhora chegou, veio falar comigo não sei de quê nem o quê. Mas passado um momento disse-me: —*Eu sou católica. Mas há uma coisa que eu não aceito: dizerem que se come e bebe a carne e o sangue de Jesus. Isso não aceito! Eu não sou antropófaga!*

Eu fiquei a olhar para ela.

No rescaldo da multiplicação dos pães que aconteceu no “outro lado do Mar da Galileia ou de Tiberíades” há já quase um mês – não veio no jornal, mas no Evangelho de João –, chegamos agora à questão não já do pão-pão, do que mata a fome e simboliza mesmo o trabalho do homem (“comerás o pão com o suor do teu rosto”, Gn 3,19), mas do pão da Eucaristia: símbolo > realidade.

O Concílio Vaticano II falou repetidamente dele – deste pão – ou dela - da Eucaristia -, dizendo que é a fonte e o cume da vida da Igreja, o ponto de chegada e de partida de toda a vida cristã: a Eucaristia é “fonte e centro

de toda a vida cristã...» (LG 11,1) e cume de toda a evangelização» (PO 5), etc., etc. Não será preciso explicar muito mais pois que, na vida desta comunidade, o experimentamos: pouco de devoções e de missas, tudo pela Eucaristia dominical, quanto nos custa prepará-la e quanto dela decorre!

Desde o princípio que, na comemoração semanal da ressurreição que criou o dia do Senhor, as comunidades cristãs celebravam a Eucaristia no primeiro dia da semana: “No primeiro dia da semana, estando nós reunidos para partir o pão...”, conta Lucas nos Actos (20,7) que assim era em Tróade.

Os cristãos, irmãos que eram, constituíam uma igreja de “pedras vivas” (1 Pd 2,5): “vós sois o corpo de Cristo e cada um é um membro” (1 Cor 12,27). Corpo vivo precisa de comida: “Fazei isto em memória de mim!”

Esta acumulação de símbolos — pão e vinho, comer e beber, corpo e membros, corpo de Cristo e igreja de pedras vivas, partir o pão (a fracção do pão) e, “quando vos reunis para comer a ceia do Senhor... enquanto um passa fome e outro fica c’os copos” (1 Cor 11,20-21) — se, por um lado, como diz o Vaticano II, tudo isto constitui a fonte e o cume da vida da Igreja, por outro, rapidamente esta prática inicial se foi.

A celebração pascal semanal passou a ser uma devoção diária: os monges passaram a ser todos ou quase todos presbíteros e a missa multiplicou-se, sobretudo a partir do momento em que ela e dinheiro ou espórtula se juntaram. E dos mosteiros a prática passou aos conventos, daí às paróquias e capelas, havia muitos padres e todos tinham de viver; o último estágio desta evolução, vergonhosa e ainda vigente, é já do nosso tempo: foi a de juntar intenções, 20 ou 30 que seja, na mesma missa, assim rende mais e não dá tanto trabalho.

Em quase todos os lados a missa continua a ser diária e a horas várias, deixou de ser celebração para ser devoção, missas não preparadas, missas por tudo e por nada, mas quase sempre por alma de e nunca pela sua vida. Apesar da valorização que, há 50 anos, o Vaticano II deu à Eucaristia chamada missa, ela voltou a ser anónima, formalista, não exprime nem celebra qualquer tipo de emoção, *tecnicamente* uma vergonha...

A juntar a tudo isto, a falta de presbíteros e a enormidade de tarefas que se carregam sobre um só (já há párocos com nove paróquias!).

O resultado é paradoxal: onde há fome de Eucaristia não há possibilidade de a encontrar (cada vez mais, no interior do país, há comunidades sem Eucaristia dominical ou em que os cristãos têm de percorrer distâncias enormes e em que o Sr. padre está sempre com pressa pois tem de acorrer à paróquia seguinte). Entretanto, nos grandes centros urbanos, apesar da maior oferta celebrativa, a situação é outra: o “fim de semana”, as saídas, o desporto, as idas à terra, as festas, os condicionalismos impostos pelo comércio liberal, nada disto rima com o antigo domingo convocado pelo campanário, a boca é de Frei Bento Domingues. E, no entanto, em Portugal, não há nenhuma instituição cívica, cultural, política ou religiosa, o Benfica ou o FCP, o Sindicato que seja, que reúna, regularmente, tanta gente como a Igreja Católica. As estatísticas, no entanto, indicam que a participação na Eucaristia dominical está em queda.

A juntar a tudo isto e em pleno mês de Agosto, a disfunção atrás referida acentua-se: com tanta gente fora dos seus lugares de habitação, os cristãos não encontram resposta de acolhimento nos lugares para onde se deslocam. É frequente ouvir: “Não fui à missa porque no lugar aonde vou a coisa é tão má que o melhor é não ir”.

Este é um problema prioritário da Igreja em Portugal. A torto e a direito, ouve-se falar em evangelização, ano da fé, procissões e outras coisas mais e semelhantes, sem saberem o que se está a dizer, a alegria do Evangelhos, por exemplo, as periferias; mas a questão da Eucaristia é, no tempo que corre, prioritária. A que é preciso acudir. Sob pena de estarmos, uns, a falar sem que haja quem escute e a simbolizar sem quem leia o símbolo; e a maior parte, a não ter com quem celebre e mesmo quem presida.

Preces

A Igreja é a presença de Jesus Cristo no Mundo, no Tempo Presente, com todas as consequências que isso implica: e isso tem de ser visível nos Atos, nos Gestos e nas Atitudes!

Já os Profetas falavam da Cólera de IAVÉ diante dos gritos dos pobres que subiam até ele. E, entretanto, os gritos dos oprimidos e humilhados chegam cada dia aos nossos ouvidos num clamor mundial que nenhuma censura ou fronteira já consegue calar!

Uma Comunidade fechada sobre si própria não seria «católica»; uma comunidade «dissolvida» na divisão e na dispersão não seria uma Comunidade em Cristo e na Igreja. Não há uma vida comunitária interior e outra exterior, pois a Igreja, Sacramento do Reino de Deus, tem que estar presente em todas as encruzilhadas da vida!

Oração final

Oremos (...)

Abre-nos os olhos do coração, ó Pai,
nós to pedimos no final desta celebração
da morte e ressurreição de Jesus,
para penetrarmos progressivamente
o mistério da Igreja e sua tarefa no tempo.
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo que a inspira!
Ámen!

LEITURAS DIÁRIAS

2.^a-feira: Jz 2, 11-19; Sl 105; Mt 19, 16-22
3.^a-feira: Jz 6, 11-24a; Sl 84; Mt 19, 23-30
4.^a-feira: Jz 9, 6-15; Sl 20; Mt 20, 1-16a
5.^a-feira: Jz 11, 29-39a; Sl 39; Mt 22, 1-14
6.^a-feira: Rt 1, 1-2^a.3-6.14b-16.22; Sl 145; Mt 22, 34-40
Sábado: Rt 2. 1-3.8-11; 4. 13-17; Sl 127; Mt 23, 1-12